



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // **COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)**

## **Transgeneridade, consumo e cidadania: engajamentos de Laerte Coutinho no ciberespaço<sup>1</sup>**

**Hadriel Geovani da Silva Theodoro<sup>2</sup>**

**ESPM-SP**

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo verificar os processos de engajamento no ciberespaço envolvendo os sujeitos transgêneros. A problemática principal resta na constatação da possibilidade dos sujeitos transgêneros, normalmente impelidos às margens da sociedade, em se valer do ciberespaço para estabelecer suas visibilidades e demandas por cidadania. Para tanto, pautando-nos na etnografia virtual como metodologia, analisamos quantitativa e qualitativamente as publicações e conteúdos de Laerte Coutinho, cartunista de renome nacional e transgênerx, no site de rede social Facebook, entre os meses de janeiro e abril de 2015. Através destas, observamos um constante fluxo de engajamento alavancado por suas publicações, assim como um posicionamento acerca de questões sociais, políticas e da comunidade LGBT.

Palavras-chave: transgeneridade; comunicação; consumo; ciberespaço.

### **Introdução**

Ao longo dos anos de 2014 e 2015, venho desenvolvendo no Programa em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing o projeto de pesquisa de mestrado intitulado “Transgeneridade, mídia e consumo: um estudo de caso das políticas de visibilidade de Laerte Coutinho”, com orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Denise Cogo. O objeto de nossa pesquisa está orientado à compreensão das

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 11 - Comunicação, consumo e cidadania: políticas de reconhecimento, redes e movimentos sociais, no 5º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo | ESPM-SP. Bolsista Capes. E-mail: [hgtheodoro@gmail.com](mailto:hgtheodoro@gmail.com)



visibilidades midiáticas dos sujeitos transgêneros, voltadas à ideia de uma política da diferença. Buscamos investigar as articulações das visibilidades midiáticas que perpassam uma atuação política dos sujeitos transgêneros, por um reconhecimento e inserção social não calcados em estereótipos, preconceitos, estigmas e discriminações.

Para tanto, voltando-nos ao contexto brasileiro, apreendemos na trajetória de vida de Laerte Coutinho um conjunto de experiências, no tocante às dimensões do gênero, da transgeneridade, das políticas de visibilidade transgêneras e das práticas de consumo, que irão pautar nosso estudo empírico. Neste sentido, o objetivo principal do projeto de pesquisa é analisar como se processam as políticas de visibilidade relacionadas aos sujeitos transgêneros nas interfaces com as práticas de consumo.

No presente artigo, realizamos um recorte que focaliza a questão referente à militância e engajamento de Laerte, a partir de sua página pessoal no site de rede social Facebook<sup>3</sup>. O intuito foi verificar, por meio de uma metodologia baseada na etnografia virtual, se Laerte apresenta e mantém algum tipo de engajamento neste ambiente digital, já que se tratar de um site que concede aos seus usuários certa autonomia de expressão e comunicação.

A análise é extremamente válida ao nosso estudo, pois também retrata a produção, circulação e consumo da própria visibilidade midiática de Laerte, onde se entremeiam as práticas de consumo. Por outro lado, haja vista que os processos de apropriação das redes comunicacionais e midiáticas permitem articular as demandas por cidadania em suas mais amplas dimensões, Laerte nos auxilia a verificar as interfaces entre comunicação, consumo e cidadania por intermédio de um olhar sobre essa “minoría” que são os sujeitos transgêneros. Obviamente estamos trabalhando sob o contexto das redes sociais digitais, mas, mesmo assim, refletimos sobre as experiências desses sujeitos que reiteradamente são forçados a lugares de fala silenciados (PRECIADO, 2008).

---

<sup>3</sup> Site e serviço de rede social. Fundado em 2004, é operado pela empresa Facebook Inc., com sede nos Estados Unidos. Atualmente conta com mais de 1 bilhão de usuários em todo o mundo.



## Transgeneridade e os ambientes digitais

Quando a biologia dos corpos se afixa como a essência dos gêneros e da sexualidade, sendo a anatomia dos genitais seu marco central, interdita-se uma miríade de vivências que não se adequam a essa equação hermética, visando normatizar nossas subjetividades, corpos e desejos. Inserido em tal esquematização, o indivíduo que nasce com uma vagina é designado automaticamente “mulher”, e deverá desempenhar ao longo de sua vida performances de gênero que condigam com um ideal de feminilidade, enquanto o recém-nascido que tem um pênis, será designado “homem” e precisará manter inabaláveis os símbolos da masculinidade. Num império fenotípico, são meramente critérios visuais que delimitam o sexo e, em consequência, o gênero.

Para Preciado (2011, p. 17, tradução nossa), “os papéis e as práticas sexuais, que naturalmente se atribuem aos gêneros masculino e feminino, são um conjunto arbitrário de regulações inscritas nos corpos que asseguram a exploração material de um sexo sobre o outro”. Isso significa que ambos os conceitos, sexo e gênero, são arquiteturas relacionais produzidas pela e na cultura, suscetíveis a mudanças no decorrer do tempo e em diferentes sociedades.

A partir de um estudo etnográfico sobre crianças que possuem um órgão genital visualmente ambíguo, também denominadas *intersexos*, Machado (2005, p. 253-254) corrobora com esta apreensão ao sustentar que:

O sexo é tão construído na cultura quanto o gênero e (...) as fronteiras entre o “natural” e o “não natural” são facilmente borradas quando se trata de defini-las a partir do que é considerado dentro ou fora das normas sociais. (...) Dessa forma, se há, por um lado, uma construção, por outro ela é incorporada pelos atores sociais como natural.

A vagina e o pênis são, portanto, órgãos que sofrem um processo de generificação e de sexualização, que, posteriormente, expande-se em todo o corpo. Acabam por refletir em nossa subjetivação enquanto sujeitos que devem obedecer a uma natureza que em si mesma não possui nada de natural. Em suma:



Os órgãos sexuais como tais não existem. Os órgãos que reconhecemos como naturalmente sexuais são já o produto de uma tecnologia sofisticada que prescreve o contexto em que os órgãos adquirem sua significação (relações sexuais) e se utilizam com propriedade, de acordo com sua “natureza” (PRECIADO, 2011, p. 23).

Especificamente no tocante ao gênero, a problemática que uma categorização tão inerte gera é a necessidade intermitente que os indivíduos passam a ter em alocar o outro em terminologias, corporalidades e performances que correspondam estritamente às duas possibilidades hegemônicas: mulher ou homem. Riley (1985, p. 11 apud SCOTT, 1995, p. 83), constata que “o caráter historicamente construído da oposição entre o masculino e o feminino produz como um dos seus efeitos, justamente, a aparência de uma oposição invariável e monótona entre homens e mulheres”. Sempre mantida no nível do imaginário, toda uma homogeneidade do gênero é estimada em detrimento de sua plasticidade.

Nesta perspectiva, podemos considerar os sujeitos que em alguma medida não se ajustam à condição bipartida entre “mulher-feminilidade” e “homem-masculinidade”, permanecendo em um trânsito entre estas categorizações, como *transgêneros*<sup>4</sup>. Há uma distinção ontológica-sexual, que se perpetua pelo não respeito às normas, entre um sujeito *bio*, que conserva em seu corpo o gênero designado no nascimento, e um sujeito *trans*, aquele que recorre às tecnologias para modificar essa mesma designação (PRECIADO, 2008). Assim, a transgeneridade se converte em matizes que se negam a ser deslocados para uma ou outra esfera. São nuances de feminino e de masculino que se miscigenam em gradações as mais heterogêneas.

O problema reside, no entanto, na não legitimação social dessas identidades em fluxo. Díaz (2012, p. 126), retomando os pensamentos da filósofa Judith Butler, assevera que a busca compulsória de uma identidade cerradamente íntegra “é o motivo principal da exclusão de posições que se percebem como abjetas, como se as considerassem uma ameaça para a coerência do sujeito”. Justamente por se esquivar

---

<sup>4</sup> Muito embora se encontre gramaticalmente no gênero masculino, empregaremos o termo “sujeito transgênero” em seu sentido mais genérico, a contemplar todos os tipos de vivências transgêneras.



das normas que regimentam os gêneros, o sujeito transgênero sofre com preconceitos, discriminações e estigmas, sendo constantemente impelido às margens de nossa sociedade e cultura. Os corpos transgêneros já não importam e sua humanidade é continuamente deteriorada através das exclusões que se dão tanto em nível institucional, compreendendo, por exemplo, a família, o Estado, a Igreja, o sistema educacional, o direito e a medicina, quanto cultural, quando reconhecemos a estigmatização perpetuada e incorporada nos símbolos que reproduzem alguma indeterminação dos gêneros.

De acordo com De Jesus (2004), a fobia em torno dos sujeitos trans, ou *transfobia*, faz com que eles passem por experiências discriminatórias com a linguagem e terminologias, na restrição à cidadania, na apropriação de espaços públicos e muitas vezes com a psiquiatrização e patologização de suas identidades<sup>5</sup>. Mas isso não ocorre apenas nos dias atuais. Trata-se de um processo histórico, que culmina com o gênero sendo apreendido nos domínios estruturais e ideológicos das relações interpessoais ao longo dos séculos (SCOTT, 1995).

É por esta razão que, apesar de certos avanços em direitos e visibilidade, ainda estamos muito distantes de alcançarmos um estado no qual sejam desnecessários, quer dizer, onde tenhamos uma sociedade capaz de respeitar diferenças entre os gêneros: uma *sociedade pós-identitária*, no entendimento de Louro (2001). Até lá, os embates ocasionados nos campos sociais, políticos e culturais são, por um lado, tentativas de supressão de todos esses sujeitos desviantes das normatizações de gênero e da sexualidade, e, por outro, um emprenho acima de tudo pautado em torná-los aparentes, visíveis, fazendo com que ganhem uma inserção social e consigam os direitos mínimos necessários à sua dignidade e cidadania.

---

<sup>5</sup> Desde o ano de 1993, de acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), elaborada pela Organização Mundial da Saúde (OMC), a transexualidade é tida como um "Transtorno de Identidade de Gênero", ou seja, uma patologia.



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // **COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)**

Como todos estes entraves são perpassados pelos processos comunicativos, inclusive pelas mídias hegemônicas, a situação conflitante se prolonga no sentido do *se fazer ver e se fazer ouvir*. Porém, as forças empregadas são desproporcionais. Enquanto os meios de comunicação tradicionais, como jornal, televisão e rádio, caracterizam-se por uma audiência massiva, para as quais transmitem conteúdos impregnados de ideologias próprias, institucionalizadas, os sujeitos transgêneros dificilmente conseguem o mesmo alcance ou inserção.

Consequentemente, estando tais meios de comunicação implicados em delimitações ideológicas de uma hegemonia binária e heteronormativa<sup>6</sup>, já que “tornar visível um corpo implica que lhe designemos, de uma maneira unívoca e definitiva, o gênero masculino ou feminino” (PRECIADO, 2008, p. 101), as vozes dos sujeitos transgêneros são comumente silenciadas, impossibilitando uma verdadeira dialogia com o grande público. Esse cenário começa se modificar com o espraiamento das novas tecnologias da informação e da comunicação (NTICs), com destaque à Internet, capazes de permitir a criação de redes digitais que não se limitam a temporalidades ou localizações específicas.

As NTICs em curso na contemporaneidade se estendem por cadeias em escala global, adquirindo atribuições fundamentais em nosso cotidiano. Elas possuem uma vasta quantidade de recursos, que permitem o acesso a informações e a transferência de dados. Os ambientes digitais resultantes trazem uma nova perspectiva para a comunicação cujo conceito de *online* se remodela, tornando-se mais dinâmico: os próprios usuários da Internet corroboram para a organização de conteúdos os mais diversos e fomentam a produção de conexões digitais reticulares.

Seja individualmente, adquirindo a oportunidade de *ser e estar* e se tornando visíveis aos olhos do outro, ou coletivamente, articulando-se em movimentos sociais que buscam uma inserção política (CASTELLS, 2012), os sujeitos transgêneros, bem

---

<sup>6</sup> “A heteronormatividade expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade” (MISKOLCI, 2007, p. 5).



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // **COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)**

como outros grupos ou movimentos sociais, têm em mãos um mecanismo relacional capaz de servir como vetor às transformações culturais e institucionais que implicam diretamente em suas vidas; isso porque "é a partir das novas maneiras de juntar-se e excluir-se, de desconhecer-se e se reconhecer que adquire consistência social e relevância cognitiva aquilo que passa em e pelas mídias e pelas novas tecnologias de comunicação" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 220).

Assim sendo, os sujeitos transgêneros, ao consumir essas novas tecnologias e produzir conteúdos por intermédio delas, podem estabelecer de redes comunicacionais e conquistar uma visibilidade mais livre dos enquadramentos realizados pelos meios de comunicação hegemônicos. Essa visibilidade, por sua vez, também possui um viés político, a demonstrar que o ciberespaço tende a ser um mantenedor das diferenças e pluralidades culturais, atuando concomitantemente como um propulsor das mesmas.

### **Engajamento e trans-visibilidade no ciberespaço: o caso de Laerte Coutinho**

Partindo das ponderações teóricas sobre transgeneridade e ciberespaço, buscamos analisar o perfil de Laerte Coutinho no site de rede social Facebook. A escolha por Laerte foi devida a três fatores. Primeiramente, porque elx já se encontrava incorporadx no âmbito midiático antes de se reconhecer como transgênerx, isto é, por já ter uma visibilidade midiática precedente. Em segundo lugar, por possuir um histórico de engajamento político, militando, por exemplo, contra a ditadura militar no Brasil durante sua juventude. Esse engajamento leva Laerte a adotar uma posição política em prol dos sujeitos transgêneros e das identidades e sexualidades desviantes, não-normativas. E em terceiro lugar, destacamos que Laerte é um produtor de imagens e visibilidades que se articulam às práticas de consumo, promovendo debates sobre as imagens e visibilidades da transgeneridade.



Com o intuito de verificar as potencialidades de engajamento dos sujeitos transgêneros articulados no ciberespaço, através do exemplo de Laerte, nosso aporte metodológico se fundamentou na etnografia virtual. Visto que “o estudo da comunicação através da internet tem colocado um novo desafio para a etnografia (...), com novas formas de interação social que estão tendo importantes consequências em nível metodológico” (SORIANO, 2007, p. 5, tradução nossa), a etnografia, no contexto digital, converte-se em uma metodologia relevante na análise do ciberespaço e da cibercultura.

Assim sendo, entre os meses de janeiro e abril de 2015, realizamos um levantamento das publicações efetuadas por Laerte em sua página no site de rede social Facebook. O ponto principal da observação foi a gestão de uma visibilidade transgênera que, articulada às práticas de consumo, desenvolve-se no ambiente digital. Para tanto, a partir de 233 publicações apreendidas no período mencionado, buscamos efetuar uma análise quantitativa e qualitativa, envolvendo suas temáticas, conteúdos e repercussão.

No processo de levantamento dos dados, optamos por realizar uma seleção das publicações de Laerte que continham algum tipo de engajamento, entendendo-o como formas de envolvimento, interação e relacionamento com determinada pauta, onde se encontra expressa uma posição ou ponto de vista determinados. A partir de nossa observação e captura dos dados, elaboramos uma categorização das publicações, delimitando-as em três grupos: engajamento político, engajamento social e engajamento LGBT<sup>7</sup>.

De um modo geral, as publicações com algum tipo de engajamento político dizem respeito não somente às questões partidárias, mas, sobretudo, à atual situação política no Brasil, envolvendo as áreas econômicas, educacionais, dos direitos humanos. Já aquelas com um engajamento social se referem principalmente a

---

<sup>7</sup> A sigla designa lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Pode apresentar a variação LGBTIQ, na qual as duas últimas letras se referem aos intersexos e queers.



temáticas como a maioria penal, a falta d'água na cidade de São Paulo, preconceito e violência contra a mulher, aborto, desigualdade de renda e conscientização sobre a AIDS. E, por fim, o engajamento LGBT corresponde às causas relacionadas aos diversos grupos representados pela sigla, principalmente sobre direitos humanos e cidadania. A divisão das publicações analisadas em cada uma dessas categorias se encontra na tabela a seguir.

**Tabela 1:** Total de publicações analisadas e sua divisão por categorias

	Publicações analisadas	Engajamento Social	Engajamento Político	Engajamento LGBT	Total
<b>Janeiro</b>	59	4	7	10	<b>21</b>
<b>Fevereiro</b>	55	2	5	10	<b>17</b>
<b>Março</b>	64	6	4	13	<b>23</b>
<b>Abril</b>	55	5	11	5	<b>21</b>
	<b>233</b>	<b>17</b>	<b>27</b>	<b>38</b>	<b>82</b>

Fonte: Elaboração própria

Como podemos notar, das 233 publicações analisadas, 82 apresentaram algum tipo de engajamento, o que representa pouco mais de 35% do total. Se nos atentarmos ao número completo de publicações com conteúdos de engajamento, verificamos que, aproximadamente, 21% são de cunho social, 33% político e 46% LGBT.

De modo geral, destacamos que Laerte se vale desse suporte comunicacional que é o site de rede social Facebook como uma forma de se engajar em diversos assuntos da vida cotidiana. Destaca-se, ao mesmo tempo, uma preponderância de conteúdos com temática LGBT, o que pode significar um envolvimento com as demandas desse grupo. Tal panorama se reflete na repercussão que as publicações adquirem, como podemos averiguar na tabela 2.

**Tabela 2:** Repercussão das publicações

	<b>Curtidas</b>	<b>Comentários</b>	<b>Compartilhamentos</b>
Janeiro	28421	1253	11481
Fevereiro	4575	164	182
Março	29788	99	4348
Abril	28394	51	7261
	<b>91178</b>	<b>1567</b>	<b>23272</b>

Fonte: Elaboração própria

Esses números correspondem à quantidade total de curtidas, comentários e compartilhamentos das 82 publicações que apresentaram algum tipo de engajamento. Juntas, totalizam mais de 91 mil curtidas, 1500 comentários e 23 mil, compartilhamentos, números que são bastante expressivos. Isso demonstra que as publicações possuem um caráter dialógico a ser considerado. Concomitantemente, depreendemos dos dados as práticas de consumo que as publicações realizadas por Laerte geram nesse ambiente virtual, uma vez que esses conteúdos emergem em uma rede de produção-circulação-consumo.

Passando a uma perspectiva qualitativa, selecionamos 3 publicações, com uma repercussão significativa, para exemplificarmos os tipos de engajamentos encontrados na página pessoal de Laerte no site de rede social Facebook. Procuramos, assim, analisar seus conteúdos e tentar apreender os modos pelos quais o engajamento de Laerte nelas se processa.

A primeira publicação que analisaremos é uma foto de Laerte através da qual busca promover uma conscientização sobre a importância de fazer o teste de HIV-AIDS. Por não se dirigir a nenhum grupo específico, mas, sim, tratar de uma causa que concerne a todos nós, isto é, a saúde pública, categorizamos a publicação como de *engajamento social*. Ela obteve uma grande repercussão, contando com mais de 4600 curtidas, 120 comentários e 64 compartilhamentos.

### Imagem 1: Publicação de Laerte



Fonte: <https://www.facebook.com/laerte.coutinho?fref=ts>

O interessante de notarmos na mesma é o uso que Laerte faz de sua imagem. O engajamento, portanto, não resta apenas no nível do discurso. A imagem pública é acionada, no contexto do site de rede social, para conferir legitimidade e ao mesmo tempo uma personalidade à causa que se propõe apoiar.

Já o segundo exemplo a ser analisado concerne ao caso da travesti Verônica Bolina, presa no dia 12 de abril deste ano por um desentendimento no prédio onde mora, acusada de agredir uma vizinha. Verônica foi conduzida ao 2º Distrito Policial da capital paulista, teve os cabelos raspados e foi espancada por policiais, que tiraram uma foto onde a mesma se encontra completamente deformada e com os seios à



mostra. A gravidade da violência obteve uma grande repercussão nas redes sociais digitais e impulsionou discussões sobre a escassez de direitos e cidadania aos sujeitos transgêneros.

### Imagem 2: Publicação de Laerte



Fonte: <https://www.facebook.com/laerte.coutinho?fref=ts>

Laerte denuncia com afinco o fato de a notícia veiculada pelo portal de notícias G1 não usar gramaticalmente o gênero feminino para falar de Verônica e também pelo fato de a reportagem não conceder a devida atenção ao fato de Veronica ter sido espancada pelos policiais. A crítica também recai contra o site de rede social Facebook, que estaria excluindo a foto que mostra o estado em que Veronica se encontrava após ser agredida.

Por fim, a terceira publicação selecionada foi aquela que apresentou o maior número de curtidas e compartilhamentos durante os meses analisados. Como se refere



à atual situação política do Brasil, ela foi categorizada como de *engajamento político*. Publicada no dia 21 de abril, feriado nacional em reconhecimento ao dia em que Joaquim José da Silva Xavier, conhecido por Tiradentes, um dos símbolos da Inconfidência Mineira, foi morto por enforcamento em 1789, a charge adquire um tom sarcástico e crítico com o emprego da frase “vai pra Cuba!”.

### Imagem 3: Publicação de Laerte



Fonte: <https://www.facebook.com/laerte.coutinho?fref=ts>

A frase em questão, que ficou bastante conhecida nas redes sociais digitais e chegou a ser empregada em algumas manifestações, é geralmente dirigida a pessoas que defendem o governo da presidente do Brasil, Dilma Rousseff (PT). Ela significa, por conseguinte, que aqueles(as) que apoiam o atual governo deveriam se mudar para Cuba, por ser este um país socialista. No fundo, ela expressa, para além do descontentamento, um movimento reacionário e de intolerância.

Laerte estabelece, deste modo, uma conexão entre as pessoas que de certo modo compactuam com a morte de Tiradentes e aquelas que hoje bradam o “vai pra Cuba”. Tiradentes, que buscava modificar a estrutura política do Brasil, isto é, derrubar a monarquia, é colocado em referência àqueles(as) que possuem um ideal revolucionário, de mudança social, ou seja, os “esquerdistas”.



### **Considerações finais: uma cidadania pelo consumo**

O que observamos, através do levantamento de dados e das análises aqui realizadas, é que Laerte Coutinho mantém em seu perfil no site de rede social Facebook um constante fluxo de engajamento alavancado por suas publicações. Assim sendo, esse estudo empírico nos auxiliou a verificar os modos pelos quais Laerte nutre com sua atuação e posicionamento político esse ambiente virtual, o que se reflete no número expressivo de publicações que continham algum tipo de engajamento (mais de um terço delas).

Como defende Canclini (2010, p. 29), “as mudanças na maneira de consumir alteraram as possibilidades e as formas de exercer a cidadania”. O consumo vigente dos modos de ser e estar promovidos pelas NTICs, por conseguinte, inserem-se nessa dinâmica. Como constatamos na página pessoal de Laerte no site de rede social Facebook, o exercício de uma cidadania também pode se expressar por meio das redes comunicacionais no ciberespaço. É por isso que, com nossas reflexões teóricas e análises empíricas, constatamos que a transgeneridade realmente encontra um ambiente mais propício às suas visibilidades e demandas por cidadania no ciberespaço, onde, inclusive, essas identidades desviantes das padronizações do gênero e da sexualidade são capazes de nutrir com conteúdos, informações e lutas políticas uma cibercultura que se abre às diferenças e à pluralidade.

A perda de eficácia das formas tradicionais de participação cidadã e as lacunas e falhas deixadas pelo Estado e o sistema jurídico, quando da tentativa reguladora das práticas sociais, que, em tese, deveriam assegurar uma igualdade entre os sujeitos, o ciberespaço ascende como uma renovação às demandas e atuações cidadãs. Portanto, as práticas de consumo que a abarcam colaboram ao estabelecimento de estruturas que ratificam a luta por reconhecimento dos sujeitos, de todos eles, e seus “interesses válidos, valores pertinentes e demandas legítimas” (CANCLINI, 2010).



Com a experiência de Laerte, patenteia-se o reconhecimento das redes enquanto fortes elementos interativos capazes de gerar um empoderamento aos sujeitos transgêneros e possibilitar que haja diferentes tipos de engajamento. Consumindo-as, e ao mesmo tempo as produzindo, os sujeitos transgêneros conseguem fazer com que suas vozes sejam ouvidas e suas corporalidades sejam vistas. E como não cabe a dissociação entre a sociedade e os ambientes digitais, podemos inferir que a cibercultura em torno da transgeneridade adquire uma potencialidade política de transformação.

## Referências

- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignación y esperanza**. Madrid: Alianza Editorial, 2012.
- DÍAZ, Elvira Burgos. Desconstrucción y subversión. In.: **Judith Butler en disputa: lecturas sobre la performatividad**. SABSAY, Leticia; SOLEY-BELTRAN (organizadoras). Barcelona-Madrid: Egales, 2012.
- LOURO, Guacira. **Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.
- MACHADO, Paula Sandrine. **O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural**. cadernos pagu (24), janeiro-junho de 2005, pp.249-281.
- MARTÍN- BARBERO, Jesus. Itinerários de investigación. In: MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo, Loyola, 2004. p. 209-256.
- MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização**. 2007. Disponível em [http://www.alb.com.br/anais16/prog\\_pdf/prog03\\_01.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf) Último acesso: jan. 2015.
- PRECIADO, Beatriz. **Manifiesto contrasexual**. Barcelona: Editora Anagrama, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Texto junkie. Sexe, drogue et biopolitique**. França: Éditions Grasset & Fasquelle, 2008.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, nº 20 (2), p. 71-99, jul./dez. 1995.
- SORIANO, Jaume. **Las nuevas reglas de la etnografía de la comunicación. Portal de la Comunicación**. Instituto de la Comunicación (InCOM) de la UAB (Universidade Autônoma de Barcelona), Barcelona, 2007. Disponível em: [http://www.portalcomunicacion.com/por/pdf/aab\\_lec/48.pdf](http://www.portalcomunicacion.com/por/pdf/aab_lec/48.pdf) Acesso em: jan. 2015.